

DESCANSAR EM DEUS

Quando o cansaço se torna pesado, escutemos o que Jesus nos diz: «*Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu vos aliviarei*» (Mt 11, 28).

E acrescenta: «*Tomai sobre vós o meu jugo*» (Mt 11,29). Eis um caso paradoxal: nós tentamos livrar-nos daquilo que nos esmaga e Jesus parece convidar-nos, pelo contrário, a pegar num peso suplementar! Não nos acontece por vezes, de facto, considerar as exigências evangélicas como um fardo esmagador, demasiado pesado para nós? É isso que nos faz dizer - ou pensar, com maior ou menor clareza: tenho demasiadas preocupações para me dedicar a Deus, demasiadas obrigações para gastar tempo com a oração, demasiado trabalho para ir à missa, demasiados defeitos para me tomar santo...

Mas qual é o jugo que Jesus nos propõe? «*Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração*» (Mt 11,29). Por outras palavras: entrai para a minha escola, tomai-vos meus amigos, deixai-me libertar-vos de tudo o que vos esmaga. Não nos é pedido, portanto, que carreguemos um peso suplementar, que somemos mais obrigações àquelas que já nos esgotam, pelo contrário: tomar o jugo de Jesus é aceitar entregarmo-nos a Ele, é entrar numa relação pessoal com Ele e deixarmo-nos amar pelo seu Coração, manso e humilde. É fazer depender tudo desse amor e ordenar toda a nossa vida em função dele.

Em que é que isso nos vai dar repouso? Não nos enganemos com as aparências: Jesus não veio oferecer-nos técnicas de

relaxamento ou receitas de arte de viver. A oração e o abandono à Providência não são meios dentre tantos outros para evitar o stress e combater o excesso de trabalho, O Evangelho não nos ensina truques: pelo contrário, convida-nos à conversão. O que temos é de nos libertar dos nossos apoios humanos, dos nossos projectos, das nossas referências e das nossas riquezas, para descansarmos apenas em Deus. O repouso ao qual Jesus nos convida não é um (<extra>), mas uma escolha radical: preferimos o peso das preocupações do mundo, ou o jugo do amor?

Descansar em Deus não é uma demissão nem uma evasão. O amor de Deus remete-nos sempre para o amor aos nossos irmãos, o que se traduz, de forma muito concreta, pelo cumprimento quotidiano do nosso dever de estado e por todas as formas de compromissos que podemos ser levados a tomar no mundo; o homem que se apoia em Deus chega a ser muitas vezes mais audacioso e mais eficaz do que aquele que conta com as suas próprias forças ou com os recursos da sua conta bancária. Tanto para um como para o outro, a fadiga existe - desde o pecado original, o homem trabalha «com o suor do seu rosto»; tanto para um como para o outro, os dias têm apenas vinte e quatro horas e os fins do mês trazem consigo os mesmos problemas, quando o dinheiro vem a faltar. Então, onde está a diferença?

Descansar em Deus não está bem dito: eu abandono-me a Ele, em vez de me agarrar aos meus projectos, às minhas preocupações, aos meus rendimentos, ao meu trabalho. Renuncio a conduzir o barco da minha vida; aceito entrar nos projectos de Deus, que não controlo; nos seus pensamentos, que não compreendo; nas suas ambições, que não conheço. E isso muda tudo: não exteriormente, mas a partir de dentro. O descanso a que Jesus me convida é, primeiro que tudo, o repouso da minha alma,

abandonada a Ele, mas isso incide sobre toda a minha vida, permitindo-me viver a minha fadiga de forma justa, em vez de me sentir escravo: «A justa fadiga aceita os limites do corpo, consente no repouso reparador»!

Porventura aceitamos repousar? Se preferimos apoiar-nos nas nossas próprias forças a abandonar-nos a Deus, tentaremos trabalhar e ganhar o mais possível, e levar a bom termo todos os projectos que fizemos. Nem pensar em parar! O descanso parece-nos um luxo ao qual não temos direito. O descanso, porém, não é um luxo, mas um dever! Deus descansou no sétimo dia, para que nós também descansássemos. O domingo vem recordar-nos que a rentabilidade não é tudo na vida. Aceitando respirar, pondo de parte os nossos dossiers, a nossa caixa registadora ou a nossa tábua de engomar, manifestamos concretamente a nossa confiança naquele que sabe melhor do que nós aquilo que nos convém.

Cf. Christine Ponsard, *A fé em família*, Paulinas, pp.134-137